

FONTE: A TARDE

27/07/15

“Prisão e feminismo: amor mal resolvido”, por Carla Akotirene

O enfrentamento ao patriarcado desde a República Dominicana, conforme aponta a Marcha Nacional das Mulheres Negras, bem como a luta pelo fim da sangrenta atuação policial disparada contra a juventude negra, segundo a campanha Reaja ou Será Morto, Reaja ou Será Morta, resvalam na movimentação política das Mulheres Negras Latino Americanas e Afrocaribenhas, à medida que neste contexto se reverenciam as mulheres encarceradas, por serem estas subversivas ao modelo racializado de segurança pública propagado na América Latina.

A prisão, sem dúvida, é o esconderijo exato do racismo e do sexismo institucionais. Nela o descaso com a gravidez desejada aborta as crianças malquistas junto com o discurso cristão de valorização da vida.

Na cadeia, o HIV tatua com a agulha da costura a saudade de companheiros cujo paradeiro é desconhecido. Tal realidade nefasta atesta a prevalência do vírus como sendo 20 vezes maior que na população em liberdade, de acordo com o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (Un aids).

Ademais, as trocas de favores sexuais impostas às mulheres negras, para a garantia da integridade sexual dos companheiros, são inobservâncias de direitos humanos capazes de sugerir, grosso modo, a existência social a ser mortificada.

Estas violências assinaladas não estão camufladas. Atuam em conformidade ao desinteresse da sociedade em acompanhar o cumprimento das penas, além de funcionarem eficazmente para o Estado e elites dispostas a não se misturar com "essa gente" intelectualmente atrasada, sexualmente corrompida, usuária de crack, racialmente inferior. Mulheres que de santas não têm nada!

A diferença marcante ao depararmos com crimes praticados por mulheres se deve ao fato de, além de serem menos frequentes, haver maior culpabilização das "faveladas", constantemente estereotipadas pelos programas de televisão sensacionalistas, responsáveis por dar notoriedade à potência da polícia.

Legítimo, por outro lado, os movimentos feministas serem porta-voz das opressões destinadas às mulheres, porém, não devem ser cegos às identidades raciais, sexo-afetivas, geracionais e religiosas quando entrelaçadas longe do seu raio de atuação, tal qual a prisão.

Na pauta por respeito à religiosidade, por exemplo, havemos de notar que apesar de a lei de execução penal prever assistência religiosa à pessoa interna, a solidão institucional

dessas mulheres favorece evangelizações, ódio às divindades africanas, além das perseguições às adeptas do candomblé.

Aos poucos, no cárcere, as mulheres negras abandonam a fé no orixá da justiça. As que mataram em legítima defesa das filhas, estupradas por familiares, se esquecem das cantigas de sábado.

Os distúrbios mentais e emocionais postos pelo sexismo não deixam as mulheres dormir, ao contrário, as mantêm sob a vigilância ininterrupta de que uma visita ocasional de mulheres, militantes ou não, a partir do entendimento sobre sororidade, dará prova do afeto pactuado entre as mulheres negras.

Carla Akotirene

Mestra em estudos sobre mulheres, gênero e feminismo pela Ufba, consultora em políticas públicas / karlaacotirene@yahoo.com.br